

# O TRABALHO CONTEMPORÂNEO E A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR

LEIDIANE FRANCISCO DINIZ, MAURÍCIO CAMPOS

---

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo investigar as implicações do trabalho contemporâneo na subjetividade do trabalhador. O estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa, exploratória. Realizou uma pesquisa de campo, para a qual se fez uso do instrumento entrevista semiestruturada. Desta etapa do estudo, participaram três trabalhadores que estavam procurando emprego em uma empresa de recursos humanos, situada em Catalão - GO. Considerou-se que, o trabalhador contemporâneo é tratado como um objeto, uma vez que, ele deve realizar as tarefas de acordo com os desejos e as determinações de um Outro-organizacional. Ao considerar o sujeito na posição de objeto e alienado aos desejos organizacionais, seria plausível dizer que ocorre a morte do sujeito freudiano, no campo do trabalho contemporâneo. Para psicanálise, tornar-se sujeito, o indivíduo precisa abandonar a posição de objeto de gozo materno, por meio da interdição simbólica, para, então, ser ator de seu discurso e desejo, como nos primórdios de sua constituição subjetiva. Mas, quando ingressa no mundo do trabalho, geralmente, ele retorna à condição de objeto, visto que volta a estar alienado quanto aos desejos de um Outro organizacional.

---

**Palavras-chave:** Trabalho contemporâneo; Subjetividade operária; objeto

---

## THE CONTEMPORARY WORK AND THE SUBJECTIVITY OF THE WORKER

---

**Abstract:** The present article aimed to investigate the implications of contemporary work on worker subjectivity. The study consisted of a qualitative, exploratory research. It was realized a field research, for which the semi-structured interview instrument was used. From this stage of the study, Three workers participated who were looking for a job in a human resources company, located in Catalão – GO. It was considered that, the contemporary worker is treated as an object, since he must perform the tasks according to the wish and determinations of an Other-organizational. By considering the subject as an object and alienated to organizational desires, it would be plausible

to say that the death of the Freudian subject occurs in the field of contemporary work. For psychoanalysis, to become subject, the individual must abandon the position of object of maternal enjoyment, through symbolic interdiction, to then be an actor of his discourse and desire, as in the beginnings of his subjective constitution. But, when it enters the world of work, it usually returns to the condition of object, since it is again alienated as to the desires of an organizational Other.

---

**Keywords:** Contemporary work; worker subjectivity; object.

---

## EL TRABAJO CONTEMPORÁNEO Y LA SUBJETIVIDAD DEL TRABAJADOR

---

**Resumen:** El presente artículo tuvo como objetivo investigar las implicaciones del trabajo contemporáneo en la subjetividad del trabajador. El estudio consistió en una investigación cualitativa-exploratoria. Realizó una investigación de campo, para la cual se hizo uso del instrumento entrevista semiestructurada. De esta etapa del estudio, participaron tres trabajadores que estaban buscando empleo en una empresa de recursos humanos, situada en Catalán - GO. Se consideró que el trabajador contemporáneo es tratado como un objeto, ya que él debe realizar las tareas de acuerdo con los deseos y las determinaciones de un Otro-organizacional. Al considerar al sujeto en la posición de objeto y alienado a los deseos organizacionales, sería plausible decir que ocurre la muerte del sujeto freudiano, en el campo del trabajo contemporáneo. Para el psicoanálisis, convertirse en sujeto, el individuo necesita abandonar la posición de objeto de goce materno, por medio de la interdicción simbólica, para entonces ser actor de su discurso y deseo, como en los primordios de su constitución subjetiva. Pero cuando ingresa en el mundo del trabajo, generalmente, regresa a la condición de objeto, ya que vuelve a estar alienado en cuanto a los deseos de un Otro organizacional.

---

**Palabras clave:** Trabajo contemporáneo; Subjetividad obrera; objeto

---

### INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema o trabalho contemporâneo e a subjetividade do trabalhador, surgiu da minha própria experiência no mercado de trabalho, especificamente, em um estágio voluntário de RH, em 2015, em que percebi que, muitas vezes, o trabalhador era tratado como um objeto a serviço dos objetivos organizacionais.

Concomitante com a experiência que ilustra faceta do trabalho contemporâneo e de que o trabalho contemporâneo é caracterizado pelas distintas transformações, advindas da globalização econômica, da emergência do capitalismo, das crises econômicas, políticas e sociais, resultando na terceirização e robotização do trabalho e no retrocesso dos direitos trabalhistas, conquistados ao longo da História.

Vale dizer ainda que, a terceirização é um dos aspectos marcantes do trabalho contemporâneo. Pois, atualmente, estamos presenciando nos noticiários da televisão, no discurso cotidiano, o desejo do Grande Outro-Organização e do governo de implementar a terceirização irrestrita, que significa terceirizar qualquer serviço, bem como público e privado.

Para o trabalhador, a terceirização simboliza a perda dos direitos trabalhistas conquistados ao longo da história, por meio de lutas travadas pela classe trabalhadora. Pois, de acordo com o documentário- *Terceirização: A bomba relógio*, a terceirização irrestrita seria uma forma de produzir a morte dos direitos trabalhistas, ao oferecer um trabalho temporário, em que o trabalhador fica em um período curto na empresa, para somente atender a finalidade organizacional. E, portanto, após o término desta finalidade, é dispensado como uma mercadoria descartada. Além disto, o trabalhador contratado por uma terceira ganha menos do que o trabalhador contratado de modo direto pela empresa, trabalha mais e muitas vezes está ausente de benefícios como: auxílio saúde, alimentação, até mesmo férias, 13º, etc.

Diante do exposto, poderemos dizer que, o trabalhador no trabalho contemporâneo, geralmente é tratado como um objeto, uma mercadoria, ao determinar que o sujeito realize o trabalho de acordo com os determinantes do Grande Outro, e deste modo, negando sua singularidade. Além disto, o trabalho contemporâneo está massacrando os direitos conquistados ao longo da história ao querer implementar a terceirização irrestrita. Neste contexto, poderemos salientar que, o trabalho atual produz implicações na subjetividade do trabalhador, ao negar o seu jeito singular de fazer o trabalho, suas histórias de lutas, seus desejos, bem como seus sentimentos e as falhas humanas, uma vez que, no mundo do trabalho o sujeito não deve cometer erros.

A partir da apresentação de alguns aspectos do trabalho contemporâneo, surgem os seguintes questionamentos: Quais as consequências desse modelo de trabalho proposto pela sociedade contemporânea na subjetividade do trabalhador? No trabalho contemporâneo, há lugar para o sujeito freudiano,

sujeito do desejo? O objetivo deste trabalho foi discorrer sobre alguns aspectos do trabalho contemporâneo, e problematizar os efeitos dos aspectos do trabalho contemporâneo na subjetividade do trabalhador.

## O TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O trabalho contemporâneo é constituído pelos efeitos advindos das metamorfoses vivenciadas na sociedade contemporânea, decorrentes da emergência do capitalismo que determinou o mundo do trabalho, cada vez mais submetido à racionalidade do capital e à lógica do mercado (ANTUNES, 2009), bem como aos seus imperativos categóricos: goze-se, produza-se, seja eficiente (grifo meu). Aqui, eu quis complementar a fala do autor, destacando os imperativos que governam o mundo do trabalho.

Singer (2001) complementa a colocação de Antunes, ao dizer que a globalização e o avanço tecnológico pela informática produziram afetamento no trabalho contemporâneo, sendo a emergência do desemprego tecnológico. Milhões de trabalhadores perderam seus postos de trabalho na medida em que máquinas e sistemas de robotização permitiram obter, com menores custos, os resultados produtivos que antes exigiam a intervenção direta da mão humana.

Para Birman (2008), na atualidade, há uma nova cartografia no mundo do trabalho, em função das transformações radicais vivenciadas nas últimas décadas. A globalização da economia, construída pelo discurso neoliberal, enfatiza a lucratividade, com a exploração da mão de obra do operário.

Ainda Birman (2008) afirma que, o campo laboral exige do trabalhador maior flexibilidade, para que possa sobreviver nas novas condições do trabalho, caracterizada também pela instabilidade. O trabalhador contemporâneo não apenas muda com frequência de lugar do emprego e de geografia para encontrar as melhores condições de trabalho, mas também calcula as novas relações existentes entre o tempo do presente e o tempo do futuro, para se proteger minimamente das incertezas inevitáveis. Essas mudanças no trabalho produzem implicações na sociabilidade e nas formas de subjetivação do sujeito.

Nesta direção, Dufour (2005, p.67-68) expõe que:

[...] na economia dita neoliberal o trabalho não é mais constituído pela mais-valia [...] saída do excesso de produção apropriado no processo de exploração do proletário. O capital aposta cada vez mais em atividades de alto valor agregado (pesquisa, engenharia genética,

internet, informação, comunicação), nas quais a parte do trabalho assalariado pouco ou moderadamente qualificado é por vezes extremamente pouco considerável.

Frente ao dito de Dufour, podemos dizer que os elementos, como os maquinários, as tecnologias implantadas no sistema produtivo, produziram mais impactos na atividade humana. É pertinente acrescentar que, desde a era *taylorista-fordista*, o trabalhador era visto como uma peça de um maquinário e na economia neoliberal isso continua, uma vez que, no contexto atual, o trabalhador é substituído facilmente pelos produtos tecnológicos organizacionais.

A ideia de Antunes (2009), referente às transformações no mundo do trabalho, coincide com as concepções dos autores citados anteriormente. Segundo Antunes (2009), as transformações experimentadas neste trabalho são resultantes da implantação do projeto neoliberal pela sociedade capitalista que atingiu tanto os países considerados de primeiro mundo, quanto os em desenvolvimento.

Tais mudanças também deflagraram diversas alterações no processo produtivo, mediante constituição das formas de acumulação flexível, do avanço tecnológico, principalmente, pelos computadores e pelos maquinários informacionais do downsizing, das formas de gestão organizacional baseadas no modelo fordismo/taylorista. Uma parcela significativa dos trabalhadores ainda está inserida no nível operário e desempenhando um trabalho mecanizado, monótono e fracionado (ANTUNES, 2009).

Antunes (2009), também, destaca que esse trabalho é caracterizado pela acentuação das privatizações e as desregulações dos direitos trabalhistas. Tais fatores pontuados trouxeram como consequência a expansão do trabalho precarizado, parcial, terceirizado e o aumento maciço do desemprego.

Alves (2011) sustenta o discurso de Antunes ao salientar que o trabalho contemporâneo se configura pela ruptura do trabalho coletivo, em função de preconizar o fazer fragmentado e de forma individual, desconsiderando as práticas coletivas.

Para Alves (2011) o trabalho é marcado pelas crises econômicas, políticas, sociais que ocorreram ao longo da História, bem como pelo retrocesso dos direitos trabalhistas conquistados pela classe trabalhadora. Derrotas sindicais e políticas das classes operárias, nos últimos 30 anos, levaram o mercado neoliberal a se colocar como um ser dominante sobre o homem que trabalha. Como efeito, foram produzidas a instabilidade, a incerteza e o medo

do desemprego no trabalhador, o qual, em decorrência disso, submete-se ao trabalho precário.

Singer (2001) sustenta a colocação de Alves, ao destacar que as transformações no mundo do trabalho produziram o aumento do desemprego, a perda de gozo dos seus direitos trabalhistas legais, a decadência do movimento sindical, a precarização do trabalho (ausência de qualificação, prazo limitado no posto de trabalho, salário baixo).

A obra de Dufour (2005), intitulada “A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal”, traz dados relevantes para pensar o cerne das mutações do trabalho contemporâneo, ao salientar a decadência das grandes narrativas políticas, educacionais, da justiça, a diminuição do papel do Estado e do nome-do-pai titulado por Lacan. Podemos incrementar o enfraquecimento da classe trabalhadora, também. Em função de sua supremacia progressiva do mercado, que se tornou similar a Deus, um Deus onipresente e onipotente que responde a tudo, esse mercado tornou-se o novo mestre, mas sem lei, pois, não é controlado por nenhuma instituição (DUFOR, 2005).

Nesta direção, Lacan (1970) aborda a respeito do discurso capitalista, ao dizer que, este discurso modificou o lugar do saber, uma vez que, considera o trabalhador despossuído de um saber. Neste sentido, o discurso capitalista se coloca na posição de senhor do saber de forma absoluta, deste modo, impossibilitando a entrada de outro saber, como do operário.

Vale dizer ainda que, antes do surgimento do capitalismo, o proletário tinha voz e realizava o trabalho do seu jeito, isto é, de modo singular. Ele trabalhava tecendo narrativas no coletivo, como por exemplo, no trabalho de manufatura. Contudo, a emergência do discurso capitalista, logo, produziu a negação do saber e fazer do trabalhador.

Ainda sobre o discurso capitalista, Dufour (2005) comenta que esse discurso é, sobretudo, sedutor, imperativo e ilusório ao enfatizar o consumo de produtos, sendo essa a única forma de proporcionar satisfação para o sujeito, dissimulando suas fragilidades existências. Neste contexto, impera, para o homem que trabalha além de consumir, o dever de ser eficiente, produzir e produzir para ter as coisas. O mercado realça o fazer, a ação, em detrimento do pensar e, em contrapartida, renega os valores, costumes, crenças, questões existências, desejos e até mesmo a fala do trabalhador ou operário. Deste modo, reduz o homem que trabalha à condição de produto, mercadoria, de

objeto a ser explorado pelo dono do capital que busca apenas a lucratividade e a redução de custo.

Nesta direção, o trabalho está alinhado com o dito da sociedade contemporânea, que busca enfatizar a satisfação do desejo, mediante o mascarar da incompletude humana, o que ocorre por meio do consumir, do ter. Mas, para isso, o homem precisa trabalhar, pois essa é a única maneira de ter e de consumir (SOUZA, 2013).

Para consumir, o trabalhador precisa estar subordinado ao capital, submeter-se ao desejo do Outro - organização. Isso significa alienar-se às regras, exigências, prescrições e ao discurso manipulador e controlador que ressalta, geralmente, o fazer e o executar. O trabalhador abre mão do seu desejo em função da exigência social capitalista de produção e eficácia (SOUZA, 2013).

Após ter apresentado o contexto do trabalho contemporâneo, entrelaçado aos ditos da sociedade contemporânea, ficou evidenciado que o principal efeito sobre o trabalhador ou operário que vive do trabalho recai sobre a sua subjetividade ou na produção de sua nova forma de subjetividade alienada às narrativas e aos desejos do Outro-organização. Neste contexto, torna-se necessário discorrer sobre o processo da constituição subjetiva.

A constituição subjetiva é pensada por diversas linhas epistemológicas. Desse modo, delimitamos a concepção teórica ao eleger a psicanálise Freudiana e Lacaniana. Embora Lacan tenha dado continuidade às ideias de Freud, também elaborou termos próprios para pensar o processo de subjetivação humana como as operações de alienação e separação as quais serão discorridas no próximo tópico.

#### A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

Para a psicanálise, o sujeito em constituição, a princípio, é um ser dependente, frágil, que sozinho não consegue sobreviver. Ele precisa dos cuidados do Outro primordial, não necessariamente precisa ser a mãe biológica, porém alguém que possa desempenhar a função materna para atender às suas necessidades de ordem fisiológica, sobretudo, para inserir-lo no campo simbólico.

Nesta direção, Lacan, em sua obra *Os complexos familiares* (2002), confirma essa colocação ao destacar que a família tem uma dupla função biológica com a criança, a de garantir a sobrevivência, a de atender suas necessidades fundamentais. Contudo, tal família tem como função primordial a

transmissão da cultura, da ética, dos limites, das regras e, principalmente, dos significantes da linguagem.

Pois, o sujeito em constituição só se torna sujeito falante e desejante mediante o encontro entre um organismo e a linguagem pela mediação de um cuidador. Para isso, no início o bebê aliena-se ao discurso do Outro primordial e ao seu desejo para ter existência simbólica. Neste sentido, a operação de alienação é a primeira que o bebê participa (BERNARDINHO, 2006).

Ressalta-se que, primeiramente, a criança precisa ser desejada pelos pais ou cuidador(es). O fato de a criança nascer não significa que ela exista, visto que a expectativa ilusória dos pais ou do cuidador de que o filhote humano possa preencher sua incompletude é, *a priori*, necessária para realizar suas funções. No entanto, ao contrário, a criança corre o risco de ser abandonada (FLESLER, 2012).

Na operação de alienação, geralmente, a mãe antecipa a existência psíquica do bebê pela via da representação, ao realizar a suposição do sujeito que inicia quando o bebê está no processo de formação no útero materno, quando a mãe, por exemplo, conversa com a criança em seu ventre a partir de uma linguagem particularizada sem esperar que ele responda, atribui um nome para ele, compra roupinhas, decora um quarto, entre outros aspectos. Assim, antecipará para ele um lugar enlaçado, preexistente e necessário para que possa ser cuidado (FLESLER, 2012).

Para Lacan, o bebê, ao nascer, é um pedaço de carne, é um corpo biológico, desprovido de sentido (BERNARDINHO, 2006). Para que ele tenha existência como sujeito, a mãe ou o cuidador precisa realizar o estabelecimento da demanda, através da interpretação dos atos involuntários da criança em palavras (BERNARDINHO, 2008). Ou seja, a criança chorou, logo, essa nomeia que se trata de uma dor na barriga, por exemplo. Pode-se dizer que, no começo, as traduções do Outro primordial são insignificantes para a criança, porém, com o tempo, isso passa a ter sentido para o pequeno ser, que compreende o significado da nomeação.

Vimos que, na função materna, a criança se encontra fusionada com o corpo materno, ao aprisionar aos desejos, vocabulários de quem se coloca na posição materna, uma vez que o sujeito em constituição “tentará bravamente se transformar em seu equivalente e preencher as expectativas propostas para ser cuidada e atendida em suas necessidades básicas” (FLESLER, 2012, p.42).



Para sair desta posição de alienação e apropriar-se da sua própria história e de seu desejo, o sujeito precisa abandonar tal posição. Isso ocorre através da função de separação realizada pela função paterna que interdita a relação dual entre o Outro-criança e o insere no campo simbólico da linguagem, das regras e das imposições de limites.

Em outras palavras, Bernardino (2006, p.26) confirma o que já foi exposto. Segundo a autora, a operação de separação tem como intuito: “[...] desalienar o sujeito do saber e das palavras deste Outro, para que ele tenha uma existência simbólica própria. E ao se dar conta de que o Outro não é tão absoluto, que algo lhe falta, que o filhote humano começará a se indagar sobre o seu desejo”. Em outras palavras, quando o cuidador começa a faltar, passando a não atender prontamente a demanda da criança, isso possibilita que o sujeito se arrisque no campo das palavras, buscando maneiras de satisfazer seu próprio desejo.

Ainda sobre a operação de separação, Bernardino (2006) afirma que essa possibilita ao humano construir sua singularidade, desenvolver a capacidade de interrogar sobre o mundo em que vive, sobre o outro e seu entorno, até mesmo sobre seu corpo e seu destino. Em síntese, podemos dizer que as duas operações percorridas são fundamentais para a constituição da subjetividade: de um sujeito desejante e falante, que se apropria de seus enunciados, bem como do que se interroga, se posiciona de forma crítica diante do outro, das questões cotidianas.

Assim, faz-se coerente afirmar que o ser humano é um sujeito que se constitui na relação com o outro, sendo as primeiras referências às figuras parentais no processo de subjetivação e, posteriormente, aos vetores da cultura (mercado, trabalho, entre outros que produzem implicações no modo de ser do sujeito). A subjetividade não é uma equação fechada, algo determinado. Ela é construída e desconstruída ao longo da história ou experiência do sujeito, de acordo com as mensagens que este recebe da cultura (grifo meu).

Cavalcanti e Silva (2006, p.56) sustentam essa colocação ao dizer que o sujeito se constitui nas relações com o outro e como o Grande Outro, denominado por Lacan como sendo a cultura, “não possuindo qualquer identidade própria, permanente ou imutável, descrevendo-se e se redescrivendo de forma permanente ao longo de toda sua existência”.

Após discorrer sobre a constituição da subjetividade, fazendo alusão à teoria psicanalítica, em que a existência de um sujeito autêntico e desejante ocorre pela função de separação que insere o homem na civilização e,

consequentemente, nos produtos dela, observa-se que o trabalho é um destes produtos, campo de interesse central deste artigo. Nesse interim, o próximo tópico tem como finalidade fazer uma correlação mais detalhada entre trabalho contemporâneo e subjetividade.

## O TRABALHO CONTEMPORÂNEO E A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR

Como vimos no decorrer deste artigo, o trabalhador, principalmente, no nível operário depara-se atualmente com uma atividade laboral que continua sendo a extensão dos aspectos *fordista-taylorista*, ênfase exacerbada na produtividade e na flexibilidade. E, nesse contexto, o trabalhador deve constantemente mostrar que é um sujeito eficiente e eficaz a todo instante, caso contrário, está suscetível de ser demitido.

Esse modelo de trabalho, conforme salientamos, também caracterizado pela perda dos direitos trabalhistas, pela implantação dos sistemas informatizados no contexto organizacional, pelo desemprego real em massa, produz incertezas, medo, levando o indivíduo a se assujeitar ao trabalho precário (ALVES, 2011).

De acordo com Alves (2011) as empresas exigem um novo consentimento de operários e empregados que implicam em um engajamento integral aos imperativos e utopias de mercado como: a flexibilidade e a produtividade. Assim, o trabalhador deve, não apenas vestir a camisa da empresa, mas, sobretudo, dar a alma (corpo e mente) ao capital. O trabalhador se torna apenas um corpo útil, submisso aos desejos da organização, bem como seu pensar deve ser de acordo com os preceitos organizacionais, tornando-se uma mercadoria, um objeto manipulado pelos gestores organizacionais.

Para Antunes (2009), até mesmo o trabalho de maior significado intelectual, geralmente, está colocado na condição de mercadoria, porque o trabalhador tem que pensar, agir conforme os objetivos da empresa. Neste contexto, as personificações do trabalho devem converter-se em personificações do capital.

Diante disto, é necessário lembrar que o homem há anos esteve submetido aos Grandes Outros (a igreja, a função paterna, o Estado), que ofereciam recursos simbólicos (valores, tradições, leis, limites). Porém, esses Grandes Outros entraram em decadência em função do mercado capitalista se colocar na posição de detentor de um saber superficial que tem como tema principal o incentivo ao consumo e nada tem a dizer acerca do ser humano, das questões

inerentes à condição humana. Há, contrariamente, a ênfase maciça na satisfação, a busca pelo evitamento do sofrimento e o esquecimento das grandes narrativas, produzindo o esvaziamento simbólico (DUFOUR, 2005).

Nesta direção, Benjamin (1994) em sua obra “O narrador”, nos fala que as mutações na sociedade contemporânea, produziram o declínio das grandes referências, trazendo como consequência a morte da narrativa. Antes do surgimento desta sociedade, o homem sabia produzir um enredo, contar uma história/estória para o outro, por meio da prosa, da piada. As pessoas se reuniam para prostrar. Na atualidade, tais encontros tornaram-se raros, porque dificilmente o sujeito contemporâneo tem tempo para narrar histórias em coletivo.

Podemos apontar que um dos motivos da ausência das reuniões em grupo é o trabalho. É comum escutar, nas relações cotidianas, enunciados de pessoas que dão notícia que passam grande parte do tempo no contexto laboral e até se submetem a mais de um emprego em nome de uma vida moderna imposta pelo capitalismo (grifo meu).

Salientamos que a destituição paulatina das grandes narrativas produz implicações não somente no seio familiar e social, mas também no mundo do trabalho, pois, antes das revoluções, no período da manufatura, o trabalhador desempenhava um trabalho de forma coletiva, havia a troca de saberes entre os operários. Essa troca corroborava para o trabalhador compreender o trabalho como um todo, já que o trabalhador trabalhava, discorrendo suas histórias em coletivo (grifo meu).

Dufour (2005) nos aponta que na sociedade contemporânea capitalista ocorre a “morte da teoria do trabalhador”, no sentido tanto da perda dos seus direitos como também a morte da narrativa do homem que trabalha, visto que esse fica cada vez mais aprisionado no trabalho e em seus ditos prescritivos, e, desempenhando um trabalho individual e parcial, esses aspectos acabam muitas vezes impedindo que o trabalhador narre sua história e manifeste seus desejos.

Assim, as características deste trabalho, entrelaçadas à lógica do capital, impossibilitam que ocorra a mobilização subjetiva, a capacidade de sentir, pensar e inventar no e para o trabalho. O trabalhador realiza atividades repetitivas e fragmentadas e essas, com o tempo, anestesiam seu processo criativo, bem como ocorre à subtração do seu desejo e a indução à alienação no desejo do Outro-organização (FERREIRA, 2013).

Para Alves (2011), esse trabalho captura a subjetividade do trabalhador, ao controlar o modo de ser do trabalhador, buscando adaptar o homem às

normas, às regras institucionais, oferecendo também treinamento curto, técnico e de cunho adaptativo para que o trabalhador realize sua função. Essa autora destaca ainda que esse trabalho reduz o sujeito à mera força de trabalho, ao desconsiderá-lo no sentido de ser genérico, criativo, pensante, tratando-o apenas como um corpo que deve apenas atuar, produzir e pensar apenas a serviço do capital.

Ainda acerca do aprisionamento da subjetividade, Alves (2011) comenta que o trabalho produz o esquecimento de experiências passadas, por apagar memórias de lutas e resistências e de construção ideológica de um novo mundo de colaboração e de consentimento com os ideais empresariais.

Segundo Souza (2013), o trabalhador, ao se sujeitar a um trabalho monótono e fragmentado; desprovido de sentido e significado, pode ser denominado como morto. Paralelo a essa ideia, Antunes (2009) expõe que a subjetividade que emerge nas empresas se exprime de forma inautêntica e alienada, pois se encontra estranhada em relação ao que se produz e para quem se produz. É plausível salientar que, neste trabalho, não há espaço para colocar suas ideias, seus desejos, seus sentimentos, seu sofrimento (SOUZA, 2013).

Para Lacan (1970) o trabalhador não é simplesmente explorado no mundo laboral, ele é aquele que foi despojado de sua função. Na medida em que, como vimos, no decorrer deste artigo, em que o trabalhador é considerado como um objeto a serviço dos objetivos organizacionais, ou seja, apenas para servir certa finalidade e quando termina, logo, é mandado embora, como no caso, dos trabalhos temporários. Assim, o trabalhador fica sem um lugar estável no mundo do trabalho.

No próximo tópico, iremos apresentar o caminho percorrido para a realização da pesquisa.

## METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo qualitativo cujo método não emprega instrumentos estatísticos, numéricos para analisar as informações coletadas em campo. Também se caracteriza como sendo uma pesquisa exploratória, pois o estudo tem o intuito de investigar, explorar, discutir a temática central do trabalho, isto é, o trabalho contemporâneo e suas implicações na subjetividade operária. Com relação à pesquisa de cunho exploratória, Gil (2008)

comenta que ela apresenta menor rigidez no planejamento e, geralmente, essa faz uso do estudo bibliográfico e entrevista não padronizada.

É relevante observar que, embora haja artigos sobre o trabalho contemporâneo, podemos afirmar que as produções que correlacionam as metamorfoses no trabalho contemporâneo com a subjetividade do trabalhador a partir de uma leitura psicanalítica se fazem ausentes. Portanto, consideramos a relevância de pesquisar sobre essa perspectiva no campo laboral.

No primeiro momento, realizamos uma pesquisa bibliográfica em livros que discutem o trabalho na sociedade contemporânea, sendo os autores de referência: Ricardo Antunes e Giovanni Alves. Em seguida, investigamos textos que tratam da constituição subjetiva à luz da psicanálise. Para isso, recorremos a Bernardinho e Flesler. Posteriormente, discutimos os efeitos das mudanças do trabalho na subjetividade do trabalhador, principalmente, no sujeito que trabalha diretamente no processo de produção.

No segundo momento, realizamos uma pesquisa de campo mediante uso de entrevista semiestruturada. De acordo com Gil (2008), esse tipo de entrevista, ainda que apresente um tema específico, propõe-se um diálogo em torno de determinada temática. O entrevistador direciona perguntas abertas para o participante, deixando-o falar livremente. A partir da narrativa do participante, pode ocorrer de o entrevistador elaborar mais questões no momento da entrevista.

A finalidade da pesquisa de campo é colher dados que ofereçam mais subsídios para o trabalho. Neste sentido, podemos dizer que escutar o próprio sujeito que vive do trabalho, seus desejos, suas percepções, pensamentos acerca do trabalho, é um método muito eficiente. Nesse contexto, foram realizadas três entrevistas com trabalhadores que estavam procurando emprego em uma empresa de recrutamento e seleção, situada em Catalão-GO.

A decisão por realizar entrevistas nesta empresa ocorreu em função de o estágio ter sido realizado na mesma e, até mesmo por isso, se considerar fácil acesso aos trabalhadores desempregados ou não em busca de novas oportunidades no mercado de trabalho.

No momento da entrevista, foi fornecido para os participantes o termo de consentimento livre e esclarecido, contendo: o objetivo da pesquisa, o compromisso de sigilo acerca das informações prestadas e dos nomes dos participantes e o livre consentimento do participante.

A análise dos dados da entrevista foi feita mediante a análise de discurso, que emergiu nos anos 60, com a contribuição de três campos de saberes: psicanálise, marxismo e linguística. A análise de discurso tem a intenção de desvelar o sentido, o significado presente no texto, no enunciado do sujeito, ou seja, requer uma interpretação, mas não busca encontrar um sentido verdadeiro por meio de uma chave de interpretação, porém, “o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2007, p. 59). De acordo com o referido autor, a interpretação procura escutar aquilo que o sujeito diz e aquilo que não diz, objetivando a produção de sentidos no discurso.

Orlandi (2007) destaca ainda que a análise de discurso é alicerçada em arcabouço teórico. Assim, nesse trabalho, a análise de discurso dos participantes da pesquisa buscou articular aspectos teóricos presentes na fundamentação teórica, bem como referências bibliográficas, além da fundamentação teórica que discute a temática do trabalho em questão.

A seguir será apresentada a análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesse tópico, tem-se como finalidade realizar análise e discussão referentes aos dados colhidos nas entrevistas semiestruturadas, articulando-os com a fundamentação teórica. Para isso, foram elaboradas três categorias de análise, baseadas nas questões do roteiro de entrevista e nos dados coletados: 1) O que eu queria ser quando crescesse: mudanças ao longo do caminho; 2) O significado do trabalho em minha vida e 3) Precariedade do trabalho contemporâneo.

Foram entrevistados três trabalhadores que estavam procurando emprego no mural da empresa de RH. As entrevistas foram realizadas em uma sala, disponibilizada pelo proprietário da empresa, com abordagem, apresentação pessoal, do objetivo da pesquisa e termo de consentimento aos participantes.

No quadro, estão apresentados os dados de identificação dos participantes da pesquisa e, logo a seguir, serão apresentadas as categorias de análise.

NOME (FICTÍCIO)	ESCOLARIDADE	IDADE	SITUAÇÃO ATUAL NO TRABALHO
PAULO	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	36 ANOS	DESEMPREGADO
CARLOS	ENSINO MÉDIO COMPLETO	44 ANOS	DESEMPREGADO
JOSÉ	ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	22 ANOS	DESEMPREGADO

QUADRO 1: APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

### O Que eu Queria Ser Quando Crescesse: Mudanças ao Longo do Caminho

A questão que inicia esta categoria é: O que você gostaria de ser quando era criança? Diante desta pergunta, Paulo relatou que quando era criança tinha interesse por três profissões: jogador de futebol, médico e policial. Mas, enfatizando que gostaria mesmo “era ser jogador de futebol”. O interesse em ser jogador de futebol, na infância, surgiu a partir de jogar “pelada” com seus amigos. Logo, ele entrou em uma escolinha de futebol e, ao conhecer o treinador, esta vontade aumentou: “foi o treinador que incentivava nós jogar bola e colocou no time dele” (Paulo). O treinador era policial da cidade, o interesse pela profissão de policial emergiu através do vínculo construído com esse profissional.

Podemos dizer que o início do interesse em jogar bola surgiu do jogo com os amigos que proporcionava certa satisfação, a ponto de querer tornar a brincadeira uma futura profissão na vida adulta. O interesse ganhou mais proporção mediante ao incentivo da figura do treinador, uma figura inspiradora, já que o participante interessou pelas duas profissões do mesmo. O interesse pela profissão de médico surgiu quando ele acompanhava a mãe no hospital entregando refeições para os doentes. Segundo ele, “os médicos eram legais com a gente. Aí, eu queria fazer igual a eles, salvar vida” (Paulo).

O segundo participante da pesquisa, Carlos, relatou que quando era criança desejava ser caminhoneiro, profissão exercida pelo pai. “Eu via meu pai dirigindo o caminhão e despertava aquele interesse, quando era criança” (Carlos).

O terceiro participante, José, relatou que quando era criança se interessava pela profissão de policial. Segundo ele, “gostava de adrenalina, aventura. E, policial é um serviço de risco. Eu via os policiais na televisão” (José).

Diante da colocação dos três participantes, é possível perceber que o que gostariam de ser quando era criança tinha influência direta das representações

das profissões do Outro. O sujeito é marcado pelas palavras de Outros, isto é, o sujeito é alienado no Outro para ter existência simbólica (BERNARDINHO, 2006). O primeiro Outro a que o sujeito se assujeita é quem desempenha a função materna. Mas, também, como vimos, o sujeito em constituição pode alienar-se, identificar-se com a profissão de uma pessoa considerada fonte de inspiração. Paulo se interessou pela profissão de jogador de futebol e policial por causa do treinador, e Carlos queria ser caminhoneiro por identificação com a profissão do pai. Por outro lado, José alienou-se às imagens e discursos policiais apresentados pela televisão.

O desejo de ter esta ou aquela profissão modifica-se ao longo da vida, conforme as identificações do sujeito. Paulo tentou ir adiante com o seu desejo de ser jogador de futebol, saiu da cidade natal e foi morar numa cidade vizinha, na casa do seu tio. Mas desistiu de ser jogador de futebol devido à relação com a esposa do tio. Segundo Paulo, “a esposa do meu tio ficava me implicando, falando aquilo, mas a gente ajudava, fui desgastando”. Paulo tentou, então, na adolescência, ser policial, matriculou-se e pagou a primeira parcela de um curso para a carreira de policial, oferecido por uma instituição de fora que se instalou em sua cidade. Contudo, era uma empresa de fachada, os responsáveis pelo curso, “pegou o dinheiro e fugiu”, diz Paulo.

Todos os participantes salientaram que precisaram se inserir no mercado de trabalho em idade precoce, a partir dos 10 anos, em virtude da falta de recursos financeiros, para ajudar os pais nas despesas em casa ou para ter seu próprio dinheiro e, juntamente, a independência. Para exemplificar, seguem as narrativas dos participantes:

Comecei a trabalhar na roça, capinava, plantava feijão, arroz [...], trabalhava com o meu pai na fazenda dele e dos outros [...] Nós passamos dificuldade para comer, tinha que trabalhar. [...] acordava cedo para ajudar meus pais na feira, montar a barraca, ajudar a vender [...] eu estava ganhando meu dinheirinho para comprar minhas coisas e ajudar em casa [...] (Paulo, começou a trabalhar 11/ 12 anos).

Aos 10 anos, [...] eu e minha irmã vendiam quitanda, pão de queijo, doce na rua para colocar coisas em casa. [...] Por causa da condição financeira, precisava trabalhar, pôr as coisas em casa. No início era difícil, porque você era menino, ainda. Mas, tinha que trabalhar. Fazer o quê? (Carlos).

Esse desejo de ser policial foi modificando na adolescência. É coisa de menino, de criança, eu não sei te explicar. Mas, é por causa do serviço vem passando ao longo dos tempos,



eu fui adaptando a cada serviço que passei. Então, eu não tenho vontade de ser policial mais. Eu comecei a trabalhar desde cedo (10/ 11 anos) para ajudar o meu pai na fazenda; patrão do meu pai. Eu trabalhava no cabo da enxada, capinava roça, batia pasto, [...] Não era aquele serviço escravo, eu fazia o que eu dava conta (José).

Segundo Ariés (1981), na Idade Média, não havia distinção do mundo infantil com o adulto. A criança era considerada um pequeno adulto. Mas, a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, a criança foi conquistando um lugar singular no seio familiar. A escolha de uma profissão ocorre por imitação do mundo adulto e transforma-se ao longo da vida, como vimos nas narrativas dos entrevistados. Nestas identificações e alienações ao Outro, o sujeito constrói o significado do trabalho em sua vida, temática trabalhada na próxima categoria.

### **O Significado do Trabalho em Minha Vida**

Os participantes apresentaram em seus relatos o significado do trabalho em suas vidas.

Pude aprender a ser uma pessoa honesta. Se minha mãe não tivesse empurrado nós para trabalhar, eu poderia ter tornado outra pessoa; preguiçosa, sem querer trabalhar (Carlos).

A vida não tem valor se não tiver serviço. [...] o trabalho para mim é um prazer. Um modo de passar o tempo, distrai a cabeça, para não pensar em coisas ruins que estão acontecendo em casa, porque ficar em casa é ruim. Eu estou parado um ano e é ruim. [...] sem o trabalho você não vive, o curso de vida é muito caro. É uma necessidade, mas ao mesmo tempo um prazer (José).

Podemos dizer que, tanto para Carlos quanto para José, o trabalho é o modo de se constituir como sujeito. Nesta direção, Vieira, Barros e Lima ressaltam que “o trabalho se apresenta como elemento constituinte da essência humana, da experiência, do saber/aprender fazer de cada um” (VIEIRA; BARROS; LIMA, 2007, p.156).

É perceptível, na narrativa de José, quando ele fala que o trabalho é uma forma para “distraí a cabeça, para não pensar em coisas ruins que estão acontecendo em casa”, a interpretação desses significantes, no campo do trabalho, como a vida do sujeito, seus sentimentos, pensamentos, preocupações cotidianas, geralmente, deixadas de lado, uma vez que, o sujeito deve se ocupar com as prescrições organizacionais.

Segundo DUFOUR (2005), o trabalho realça o fazer; a ação, em detrimento do pensar, porém, renega os valores, costumes, crenças, questões existenciais, desejos e até mesmo a fala do trabalhador. Desta maneira, reduz o homem que trabalha a condição de produto, de objeto, a ser explorado pelo dono do capital.

Paulo relatou que o trabalho seria o meio de “ter uma melhor casa, próprio carro, moto”. Neste sentido, pode-se dizer que, mediante o trabalho, o sujeito adquire os produtos produzidos pela sociedade contemporânea. Para isso, no entanto, o homem precisa trabalhar, sendo essa a única maneira de ter, de consumir (SOUZA, 2013).

Ainda sobre o significado do trabalho, Paulo relatou que:

Até agora não teve nenhum trabalho que gostei, relata o participante. Paulo trabalhou na loja eletrodoméstica; eu gostava porque tinham pessoas boas, que eram legais, como o gerente. Quando a gente encontra pessoas boas, a gente demora sair. Mas, quando a gente encontra pessoas ruins, a gente não demora muito a sair. Isso aconteceu comigo, quando entrou uma gerente, só queria que eu fizesse do jeito dela, conta o entrevistado. Em 2007, veio para o estado de Goiás trabalhar no plantio de cana, Paulo diz que é um serviço pesado, braçal, não é todo mundo que aguenta, ainda a gente não se alimentava direito, piorava a saúde do trabalhador. [...] ia para o hospital.

Diante desta fala, podemos interpretar que talvez o trabalho para o participante apresente um sentido de ambivalência: desprazer e prazer. Além disso, podemos dizer que o sentido do trabalho depende do Outro, isto é, da forma como esse Grande Outro-Organização, gerente, o trata. Se o gerente o trata bem, ele gosta do trabalho, assujeita-se a ele.

Outro significante para Paulo sobre o trabalho, é que ele é produtor de adoecimento, em virtude das condições precárias a que se é submetido. O entrevistado relatou o modo de quando trabalhou na plantação de cana, como um trabalho pesado, com falta de oferta de alimentação para os trabalhadores. Todavia, sobre a Precariedade do Trabalho trataremos no próximo tópico.

### **Precariedade do Trabalho Contemporâneo**

Acerca da categoria precariedade do trabalho contemporâneo, caracterizada pelos trabalhos temporários, informais, sem carteira assinada; desprovidos dos direitos trabalhistas, tais questões estão presentes nos discursos dos participantes. Nesta direção, Antunes (2009) sustenta essa afirmação ao salientar

que a precariedade diz a respeito da acentuação das privatizações, das desregulações dos direitos trabalhistas.

Paulo, quando era criança, ajudava o pai na fazenda. Depois, passou a trabalhar na fazenda de conhecidos. Trabalhou, em uma empresa de eletrodoméstico, era um funcionário polivalente, pois, além de exercer sua função de vendedor, exercia a função de cobrador, entregador e de serviços gerais. Nesta empresa, Paulo era desprovido de seus direitos, já que a empresa não queria pagar seus direitos trabalhistas.

Quando pediu demissão, recorreu ao ministério do trabalho. Ele ganhava aquém do mercado de trabalho. Nas próprias palavras dele, “era um salarinho, não tinha hora extra, adicional, não tinha nada. Trabalhei dez meses, assinaram minha carteira depois de cinco meses”. Ele mudou de cidade, em busca de trabalho, saindo de sua terra natal, indo para São Paulo. Submeteu-se a trabalhos temporários como: plantação de abacaxi e em canavial; a empresa, segundo ele, “pega os trabalhadores, quando não precisava mais do serviço mandava a gente embora”.

Carlos, aos 10 anos, começou a trabalhar junto com a irmã, vendendo quitanda, pão de queijo na rua. Também trabalhou como vendedor de picolé na rua para uma soverteria. Ao complementar dezoito anos, trabalhou mais cinco anos sem carteira assinada como: pedreiro, em oficina, etc. Seu primeiro serviço com carteira assinada foi como recepcionista de um hotel. Submeteu-se a trabalhos temporários, como, por exemplo, na empresa que presta serviço de eletricitista. Ficou um ano e três meses.

Trabalhou em uma empresa automobilística, área de controle de peças, mas foi demitido por causa da crise econômica. Sobre essa demissão, Carlos relatou que “não foi muito bom, porque eu estava pagando uma prestação da moto. Ficar desempregado, cinco anos de firma! Aí, você fica descabriado”. Seu último trabalho foi em uma empresa terceira, ficou um ano e três meses e foi novamente demitido pela crise econômica. Sobre as demissões, ele diz: “é uma instabilidade, você fica com medo, receio que qualquer hora a empresa pode ir embora, fechar as portas ou até te mandar embora. Gera aquela insatisfação. Eu não posso fazer aquilo porque não sei se estarei trabalhando”.

José começou a trabalhar quando era criança com o pai na fazenda. Aos 15 anos, conseguiu um emprego como garçom e trabalhava também como segurança de festa. Trabalhou, também, como eletricitista, frentista e pedreiro. Ele trabalhava na construção civil, mas sofreu um acidente de trabalho. Sobre

isso, segue a narrativa de José “eu fui pisar fora da escada, pisei em um prego, atravessou o meu pé [...]. Eu fiquei um tempo trabalhando só de chinelo. Eu não busquei meus direitos, a única coisa que busquei que me levasse para um hospital. Um acidente de trabalho, não é tão grave, dá para passar [...]”.

Ainda sobre a precariedade do trabalho, é perceptível, na fala de Paulo, Carlos e José, a migração de um emprego para outro. No caso de Carlos, esse fato seria decorrente da crise econômica. Além disto, no discurso de Paulo, também está presente a migração de uma cidade para outra com intuito de conseguir um trabalho. Essa migração constante é outra característica do trabalho contemporâneo.

Birman (2008) complementa ao dizer que o trabalhador contemporâneo não apenas muda com frequência de lugar do emprego e de geografia para encontrar as melhores condições de trabalho, mas também calcula as novas relações existentes entre o tempo do presente e o tempo do futuro, para se proteger minimamente das incertezas inevitáveis.

A mudança constante de um trabalho para outro, a instabilidade do mundo do trabalho, decorrente da crise econômica, por exemplo, como vimos no relato de Carlos, produz sentimentos de insatisfação, receio, estado deprimido. Ademais, gera o sentimento de insegurança com relação a sua vida cotidiana. Conforme Carlos, o seu fazer possibilita a aquisição de produtos e bens materiais, ficando, assim, à mercê da instabilidade do mercado de trabalho contemporâneo.

Outra característica da precariedade do trabalho contemporâneo é com relação à falta de segurança no trabalho. Isso está presente no caso de José, que se acidentou no ambiente de trabalho, ocorrendo uma negligência da empresa com o trabalhador. E o próprio trabalhador interpretou o acontecimento como sendo algo comum, natural, ao dizer “não é tão grave, dá para passar”.

Um dos aspectos afetados pela precariedade do trabalho contemporâneo é a relação entre chefes e subordinados. Abaixo está o relato dos participantes sobre este aspecto:

Ela (gerente da loja eletrodoméstica) queria que eu fizesse do jeito dela[...] tudo o que eu fazia, ela falava que estava errado. Ela não via o lado da gente. Ela não me considerava[..] (Paulo)

Na cidade, o patrão fica pressionando muito para o trabalho sair. De certa forma, ele está em cima para o serviço sair. [...], mas, me incomoda, as vezes ele chama atenção por

coisas que não têm nada a ver[...]. No trabalho como frentista, o gerente era muito sem educação, ele chegou a apontar o dedo no meu rosto e me chamar de irresponsável perto das pessoas, por causa de um erro que era dele[...]. (José)

Na empresa, nem sempre tem liberdade. Dentro de uma empresa tem as regras, costumes, formas deles. Eles falam que têm de fazer aquilo e pronto [...]. Eu cobrava do chefe que estava faltando materiais, mas, minha solicitação foi ignorada. [...] precisava de melhoria, mas, o gerente não quer, tem que ser da forma dele. (Carlos)

A partir das narrativas dos entrevistados, percebe-se que o chefe desconsiderava a singularidade destes trabalhadores, ao se negar a escutá-los. Fato presente nos ditos de Paulo e Carlos, uma vez que eles deveriam realizar o trabalho de acordo com as regras, as prescrições postas pelos chefes, ou seja, de acordo com a determinação dos chefes.

Ocorre o mesmo com José cujo gerente ficava “em cima”, controlando o seu fazer para que o trabalho fosse realizado do modo determinado pela empresa. Neste sentido, podemos dizer que ocorre a negação do jeito singular de realizar uma atividade, ocorrendo ainda a culpabilização do trabalhador, por um erro organizacional, como visto no relato de José.

Segundo Vieira, Barros e Lima (2007 *apud* VIEIRA, 2006) “ a culpabilização do trabalhador, sendo comum atribuir apenas à preguiça, à má-vontade ou à personalidade das pessoas a razão pela qual as coisas dão errado”.

A respeito da desconsideração do jeito singular do trabalhador de fazer as coisas, Alves (2011) complementa o que foi afirmado, ao dizer que os gestores, ao controlarem o modo de ser do trabalhador, buscando adaptá-lo às normas, as regras institucionais, produzindo a captura da subjetividade, os reduzem à mera força de trabalho, desconsiderando o sentido de ser genérico, criativo, pensante, tratando-o apenas como um corpo que deve produzir para a manutenção e aumento do capital.

Mesmo submetidos aos mandos das organizações, gestores e capital, os participantes relataram ter sonhos para o futuro profissional. Paulo e José salientaram que têm interesses em abrir um negócio próprio. Carlos gostaria de tornar-se um encarregado, supervisor, e almeja o cargo de gerente de uma organização, também.

Podemos dizer que o desejo profissional para o futuro de Paulo, José e Carlos advém da própria experiência no mundo do trabalho, em que eles se inseriram por necessidade, isto é, não foram eles que escolheram a profissão. O interesse

por uma profissão que surgiu na infância destes trabalhadores foi modificado, uma vez que eles ingressam no mundo laboral quando eram crianças.

A partir da análise e discussão das respostas dos entrevistados, é possível afirmar que os participantes foram tratados, nos cargos que ocuparam, como objetos, mercadorias. Paulo e José, ao salientarem que têm interesse de abrir um negócio próprio, indicam o desejo de sair da condição de objeto e se tornarem autores da sua própria prática profissional.

No tópico seguinte, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos com Singer, Alves, Antunes e Dufour e mediante análise e discussão de dados, que o trabalho contemporâneo é caracterizado pelas mudanças advindas da emergência do capitalismo e da globalização que produziram metamorfoses no campo do trabalho, como o retrocesso dos direitos trabalhistas e precarização das condições laborais.

Este cenário foi relatado pelos participantes, a citar Paulo. Ele conta que trabalhava em uma empresa de eletrodoméstico, na qual recebia “um salariinho, não tinha hora extra, adicional”. Além disto, quando ele pediu demissão, a empresa não queria pagar seus direitos trabalhistas.

Outras características do trabalho contemporâneo que pudemos perceber tanto na fundamentação teórica, quanto na análise e discussão, é a submissão ao trabalho temporário, o trabalhador fica um período curto empregado, ocorrendo a mudança constante de um emprego para outro. O entrevistado Paulo, ilustra bem essa situação, visto que ficou na plantação de abacaxi dois meses, no canavial cinco meses.

Outro ponto presente nos relatos é a demissão do trabalho, decorrente da crise econômica, questão manifestada no discurso de Carlos que foi despedido de dois empregos por causa da crise econômica. Outra característica do trabalho contemporâneo, é a assujeitamento às condições de trabalho precário, como vimos, por meio de José que trabalhou em uma construção civil e sofreu um acidente de trabalho, pois havia pregos jogados na obra.

O trabalhador, geralmente, é tratado como corpo útil a serviço da necessidade da empresa, uma vez que, quando esta não precisa mais do seu trabalho, o demite, o descarta, como se estivesse lidando com um objeto sem utilidade, desconsiderando qualquer efeito da demissão na vida do trabalhador. A

instabilidade no trabalho gera sentimentos de insegurança, baixa autoestima, insatisfação. Tais sentimentos foram descritos por Carlos.

Além disto, pudemos notar, com Carlos, que a vida do trabalhador, seu interesse por determinada aquisição de um bem, por exemplo, depende da sua empregabilidade no trabalho, mas, em um trabalho caracterizado pela instabilidade, ou seja, aquele que a qualquer momento pode ser demitido, pode-se dizer que fica difícil, desejar, sonhar, comprar determinado bem, fazer algo. Carlos ilustra bem esta questão: “eu não posso fazer aquilo porque não sei se estarei trabalhando”.

Dufour (2005) ressalta que, na sociedade contemporânea, o indivíduo torna-se sujeito ao adquirir os bens produzidos pelo mercado capitalista, assim, necessitando “ter” para ser sujeito. E uma das maneiras de o sujeito ter é mediante a inserção no campo laboral. Mas, ao mesmo tempo em que, por meio do trabalho, o sujeito tem as coisas, concretiza seus “sonhos, interesses”, este impossibilita-o de realizá-lo, ao oferecer um trabalho precário, instável, remuneração aquém, além de conceber o trabalhador como um objeto a serviço dos desejos do Outro-organização.

Portanto, a lógica do trabalho contemporâneo é perversa, ao seduzir o trabalhador pelo culto do ter, do consumo, da ideia de que pelo trabalho ele pode ter, usufruir dos produtos produzidos pela sociedade capitalista, sendo uma mera ilusão ao oferecer um trabalho precário, que a qualquer momento pode findar.

Além disto, como vimos que, esse trabalho é entrelaçado ao discurso capitalista, Lacan (1970) salienta que, esse discurso modificou o lugar do saber, uma vez que, considera o trabalhador despossuído de um saber. E, por outro lado, o discurso capitalista se colocou como senhor do saber, de forma absoluta, assim, impossibilitando a entrada de outro saber como do operário.

Ainda sobre o modo de como o trabalhador é tratado na empresa, pudemos ver que seus pensamentos, ideias, sentimentos, seu modo singular de realizar o trabalho é desconsiderado, visto que o trabalhador deve realizar o trabalho de acordo com as prescrições determinadas pelos chefes. Além disto, vimos também, que a ênfase esta no fazer, ou seja, o fazer em detrimento do pensar.

Neste sentido, é possível dizer que, no trabalho contemporâneo, ocorre a morte do sujeito desejante e faltante de Freud, uma vez que o trabalhador deve alienar-se aos ditos, regras, prescrições do trabalho contemporâneo. E, mais, percebemos que o trabalho é que, geralmente, escolhe o trabalhador, em vez de o trabalhador fazer essa escolha.

Como vimos, na análise e discussão, os entrevistados manifestaram interesse por uma profissão na infância, mas, em decorrência da condição financeira, submeteram-se a trabalhos informais para ajudar os familiares com as despesas domésticas. Seus desejos foram deixados de lado, quem definiu sua vida no mercado de trabalho, não foi o próprio sujeito e sim um Outro. Neste caso, as condições socioeconômicas, em conjunto com o trabalho caracterizado pelas transformações do trabalho contemporâneo.

Nos relatos dos participantes, fica evidente as queixas não explícitas acerca do adoecimento/mal-estar produzido pelo trabalho. Neste sentido, podemos dizer que está internalizado para o trabalhador que o trabalho é o lugar de fazer, executar, demonstrar “contentamento” e não um espaço para exprimir afetos, sofrimentos, desejos.

Vale pontuar que o sentido fornecido pela maioria dos trabalhadores sobre o trabalho é de que ele é constituinte de si mesmo, um sujeito precário, passivo, que não se posiciona diante da negligência, da perversidade do Outro Organização.

Por fim, o trabalho contemporâneo produz um novo sujeito, que deve ser eficiente a todo o momento e a serviço dos desejos organizacionais, sendo então alienado aos interesses da organização. Por outro lado, subtrai a capacidade de julgar, de colocar seu pensar, seu desejo, pois, ao sujeitar-se ao Grande Outro-trabalho, seu desejo logo é barrado, desconsiderado (DUFOUR, 2005).

Geralmente, o trabalhador não tem espaço para falar sobre si, narrar sua história, dialogar com o coletivo, expressar seus afetos e, portanto, produz a morte da narrativa e do pensamento crítico e do desejo do trabalhador. O trabalhador ao sujeitar-se aos imperativos e desejos do Grande Outro-trabalho, passa pela destituição de si, enfim, da sua subjetividade, tornando-se apenas um objeto a serviço do outro.

O sujeito, ao abandonar a posição de objeto de gozo materno, pela interdição simbólica, passa a ser sujeito autor de seu discurso e desejo, ainda nos primórdios de sua constituição subjetiva. Mas, quando ingressa no mundo do trabalho, é convidado a retornar à condição de objeto, como vimos neste estudo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Biotempo, 2011.



ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Biotempo, 2009.

ARIÈS, Philippe. *O sentimento da infância*. In: **História social da criança e da família**. 2ªed. Rio de Janeiro: LTC,1981.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense,1994.

BERNARDINHO, Leda Mariza Fischer. *A criança como mestra do gozo da família atual: desdobramentos da “pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil”*. In: **Revista Mal-estar e subjetividade**: Fortaleza, vol.VIII, nº3, p 661-680, 2008.

BERNARDINHO, Leda Mariza Fisher. **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006.

BIRMAN, Joel. *Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano*. In: **Destino da adolescência**, Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth; SILVA, Maria Helena de Barros e. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade: impasses e redescobertas*. In: **Cata-ventos: invenções na clínica psicanalítica institucional**, São Paulo: Escuta, 2006, p. 53-63.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FERREIRA, João Batista et. *Entre a mobilização subjetiva e a subtração do desejo: estudos com base na psicodinâmica do trabalho*. In: **O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia**. Curitiba: Juruá, 2013.

FLESLER, Alba. **A Psicanálise de Crianças e o Lugar Dos Pais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Zahar,2002.

LACAN, J. Seminário 17, o avesso da psicanálise Rio de Janeiro: Zahar,1970.

ORLANDI, Eni. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos.6 ed. São Paulo: Pontes, 2007.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Adriana Gomes de. **O mal-estar no trabalho contemporâneo**: Inter-relações entre o sujeito do desejo e o sujeito do trabalho. Dissertação (mestrado). Universidade Veiga de Almeida. Mestrado profissional em psicanálise, saúde e sociedade, Rio de Janeiro, 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo Carrusca; BARROS, Vanessa Andrade; LIMA, Francisco de Paula Antunes. *Uma abordagem da Psicologia do Trabalho, na presença do trabalho*. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p.155-168, jun, 2007.